# Dos faltosos no Enem, 86% são da rede pública

Recorte inédito revela que 82% ganham até 3 salários mínimos; alta abstenção intriga MEC

PAULO LIEBERT/ESTADÃO



**Desistência.** Débora se encaixa no perfil dos ausentes: estudou em escola pública e tem renda inferior a 3 salários mínimos

•edu

*Davi Lira*

**Do total de candidatos que faltaram ao Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) em 2010, 86% estudaram integralmente em escolas públicas. O porcentual representa 1,1 milhão de participantes ausentes, quase um terço do total de inscritos nesse grupo. A identificação do perfil dos faltosos é o passo inicial para atacar o alto índice de abstenção no exame – próximo a 30% nas três últimas edições –, que teve um custo de R$ 90,4 milhões somente em 2012. Em outros vestibulares, a ausência costuma ser inferior a 10%.**

O levantamento, feito pela Meritt Informação Educacional a pedido do **Estado**, analisou os dados mais recentes divulgados pelo Ministério da Educação (MEC). O recorte inédito se antecipa ao estudo encomendado pela pasta ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), órgão que organiza o Enem.

A previsão inicial do MEC era de que o perfil dos ausentes nas três últimas edições, de 2010 a 2012, ficasse pronto amanhã, mas a finalização do estudo foi prorrogado para a segunda quinzena de dezembro.

O cruzamento de dados dos faltosos mostra ainda que do perfil padrão dos 1,3 milhão de participantes que se inscreveram no teste em 2010, mas não compareceram às provas, 82% recebem até três salários mínimos.

Além disso, dos ausentes, quase 70% já concluíram o ensino médio, a grande maioria integralmente em escola pública. O porcentual é superior à representatividade do grupo dos concluintes quando observado o quantitativo geral de inscritos, 59%.

Consultado, o MEC, afirmou que a pasta não previa esse perfil, mas que o quadro traçado dos faltosos é "coerente". O ministério ainda considera "lógico" o estudo de medidas para punir os estudantes isentos de taxa de inscrição – a maioria dos que não compareceram às provas. Para o candidato que não precisou pagar a inscrição e faltou à prova, a isenção na próxima edição do exame poderia ser vetada.

Para o professor da Faculdade de Educação da UFRJ Marcio da Costa, seria mais adequado pensar em políticas de estímulo do que punição. "Muitos estudantes do ensino médio nem sequer sabem que com o Enem é possível ganhar bolsas nas faculdades privadas e entrar na universidade pública." Na avaliação do docente, com esse índice de abstenção de 30%, a possibilidade de o Enem se tornar uma avaliação nacional ampla dos estudantes fica comprometida.

A paulista Débora Soares, de 23 anos, se encaixa no perfil dos faltosos. Ela tem uma renda menor do que três salários mínimos e cursou todo o ensino médio na rede pública. Ela se inscreveu no Enem do passado mas faltou às provas. "Comecei a cursar uma faculdade de enfermagem em São Paulo, eu mesmo pagava, mas no final do ano passado tive de sair da faculdade porque já não podia mais pagar", diz, arrependida.

**Números.** Analisando ainda mais os números, observa-se que mais de 1 milhão dos faltantes trabalham. Enquanto esse número representa apenas 37% dos inscritos, quando analisado o quadro dos ausentes, o porcentual dos empregados chega aos 73%.

Segundo Daniel Cara, coordenador-geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, o MEC deve prestar atenção a esse grupo. "Os candidatos sabem que entrar na universidade é essencial para melhor se colocar profissionalmente, mas eles se desalentam em fazer o exame e acabam começando a trabalhar em subempregos", diz.

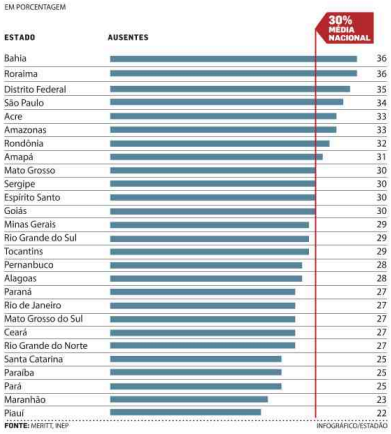
A ação contra a abstenção deve ser realizada em conjunto com a melhoria do próprio ensino médio, afirma Belivaldo Chagas Silva, vice-presidente do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed).

"Há problemas que o Ministério da Educação precisa identificar e trabalhar em cima. A definição de uma nova referência curricular é um dos pontos", diz Silva, que também é secretário de Estado da Educação de Sergipe. / COLABOROU PAULO SALDAÑA

## ABSTENÇÃO DO ENEM

● Proporção de ausência pelo total de candidatos inscritos na edição do exame em 2010

EM PORCENTAGEM




FONTE: MERITT, INEP

INFOGRÁFICO/ESTADÃO

● Reação

**ALEXANDRE OLIVEIRA**

COFUNDADOR DA MERITT INFORMAÇÃO EDUCACIONAL

**"Com esse perfil, o MEC poderia enviar e-mails e propor uma campanha motivando os candidatos trabalhadores, por exemplo, a não faltarem."**

# Ausência atrapalhou a vida de estudante

Se não tivesse de fazer uma viagem a trabalho, o então representante comercial Leonardo Silva, de 28 anos, não perderia as provas do Enem do ano passado.

O paulista precisou ir até o Paraguai para realizar palestras sobre os produtos eletrônicos com os quais trabalha. "Ou eu ia trabalhar ou então eu não conseguiria manter o emprego", diz.

Com a decisão, o sonho de cursar Administração, com a utilização da nota do Enem, foi adiado por pelo menos um ano. "Eu não posso falar que houve arrependimento, porque a escolha vem de acordo com o momento e naquela ocasião achei que não tinha como escolher."

Silva, hoje trabalhando em outra função – como um dos coordenadores do Instituto Henfil, que oferece cursinhos pré-vestibulares –, encaixa-se no perfil de estudantes que chegam a se inscrever no Enem, mas faltam nos dias das provas.

Ele concluiu todo o ensino fundamental em escolas públicas em Mauá (SP) e cursou o ensino médio completo também na rede pública, mas em Pernambuco, onde tem familiares. Além disso, seus rendimentos mensais não ultrapassam 3 salários mínimos e o trabalho faz parte de sua rotina desde que passou a morar sozinho em São Paulo, a partir de 2004.

O problema é que, além de atrasar seus planos de carreira, a ausência nas provas do Enem teve outro tipo de interferência. "Recentemente, vi que essa minha falta nos dias das provas do Enem atrapalhou ainda mais minha vida", diz. Atualmente, ele concorre a uma bolsa de estudos numa faculdade em Mauá – desta vez, incluindo a possibilidade de cursar outro curso, o de Psicologia, que acabou sendo incluído entre suas pretensões.

"Mas o problema é que, independentemente do curso que escolher, se eu ganhar a bolsa, em troca terei de prestar serviços à comunidade durante 8 horas por semana. Se tivesse feito o exame no ano passado, ficaria desobrigado disso", diz. / D.L.

Sociedade

# ISRAELENSE ADOTADA NO BRASIL NOS ANOS 1980 BUSCA OS PAIS BIOLÓGICOS

História é parecida com a de personagem da novela 'Salve Jorge', da Globo

ARQUIVO PESSOAL



**Chen.** 'Cresci com a impressão de que adoção não era bom'

Nascida no Brasil, Chen Levy Gavillon, hoje com 27 anos, soube ainda pequena que havia sido adotada por um casal israelense. O tema não era segredo na família, que tem outro filho adotivo. "Fui crescendo com a impressão de que adoção não era algo bom, ao ver filmes e programas na TV", contou ao **Estado**. "Não queria que ninguém soubesse."

Certa vez, na escola em que estudava, em Ra'anana, ao norte de Tel-Aviv, um grupo de alunos furtou papéis, pensando se tratar de provas que seriam aplicadas aos colegas. Mas eram documentos com informações pessoais dos estudantes. Entre eles estava a ficha de Chen. Ao descobrirem sobre a adoção, eles a confrontaram com a informação que ela tentava esconder. "Claro que eu neguei, disse que devia ser um erro, mas, ao chegar em casa, histérica, chorei e disse à minha mãe que nunca mais voltaria à escola."

O incidente no colégio, quando ela tinha apenas 10 anos, foi o pontapé inicial de uma busca contínua, com uma porção de insucessos. Naquela ocasião, ela conseguiu que os pais contassem o que sabiam sobre a família no Brasil. Embora tenha investigado e procurado de forma quase incansável ao longo de vários anos, Chen ainda não sabe quem são os pais biológicos, pessoas que ela se recusa a chamar de "pais", apesar do desejo de encontrá-los. A pouca informação que ela tem se resume ao nome do Hospital Nossa Senhora das Graças, de Bom Retiro (SC), onde ela teria nascido.

A história de Chen se parece com a da personagem Aisha, vivida pela atriz Dani Moreno na novela *Salve Jorge*, da TV Globo. Na trama, Aisha vive na Turquia, sabe que é adotada e busca os pais, também brasileiros. Na semana passada, Aisha e Chen se encontraram em um capítulo da novela em que a personagem descobre uma confusão nos documentos. "Ontem eu estava falando com a Chen sobre isso", diz Aisha a uma amiga, ao mostrar um vídeo em que a israelense chora enquanto pergunta, em português: "Por que me deixaram?"

Chen aprendeu o idioma dos pais biológicos justamente nas novelas. Muito populares em Israel, elas são exibidas no idioma original, com legenda, o que facilita o aprendizado. "Nunca frequentei nenhuma escola, apenas comprei um dicionário para estudar em casa", diz. "Sempre gostei do idioma."

**Burocracia.** Chen foi adotada em 1985, logo após nascer. Nos documentos do hospital, não aparece nome algum. "Recebi apenas um sobrenome", conta.

O irmão de Chen, hoje com 30 anos, também nasceu no Brasil e foi adotado dois anos antes, mas não teve interesse em buscar a família biológica.

A escolha dos pais de Chen pelo Brasil, segundo ela, teve a ver com a facilidade de adotar uma criança no País, na época. De fato, segundo a diretora Nili Tal, que fez dois filmes sobre o tema, cerca de 3 mil crianças brasileiras foram adotadas por famílias israelenses nos anos 1980.

Um caso ganhou fama no país quando a Justiça decidiu que a criança deveria ser devolvida aos pais biológicos. Bruna Vasconcelos, que recebeu dos pais adotivos o nome Caroline, passou dois anos em Israel antes de voltar para o Brasil – onde acabou engravidando aos 13 anos. "É uma alegria eu ter sido adotada pelos meus pais. Tenho uma vida boa em Israel. Não sei qual teria sido meu destino no Brasil", disse Chen.

Ela e o marido, o argentino Leo Gavillon, que está em Israel desde 2003, passaram cinco meses no Brasil, em 2007, logo após concluir o serviço militar, obrigatório também para meninas. "Queria muito conhecer a cultura. Sabia que eu pertenço a outra cultura", conta. "Costumo dizer que sou uma 'brasileira falsa'. Tenho muito orgulho disso."

No Rio, ela chegou a buscar informações sobre a mãe biológica, mas acabou desistindo depois de ser alertada de riscos por um policial. "Guardei os papéis e fui para a praia."

Hoje, mãe de Maya, de 1 ano e meio, ela conta que tem medo de se frustrar com um encontro. "Sou muito sensível", diz. E promete: quer visitar o Brasil na Copa de 2014. / GABRIEL TOUEG

ACERVO O ESTADO DE S. PAULO Copyright © 1875-2012. Todos os direitos reservados